



Sociedade das Ciências Antigas

A Alquimia da Prece

Por

Robert Ambelain

Na Maçonaria, o sentido do divino exprime-se principalmente pela seriedade com que o Maçom segue e observa os ritos, cerimônias sacralizadoras, etc. Mas também, fora de sua loja, por sua própria atividade espiritual.

Quer vivencie ele uma religião exotérica de sua escolha: judaísmo, cristianismo, islamismo, etc.. quer se limite a uma simples filosofia religiosa extraída de suas leituras, em suma, quer seja banalmente deísta, ele nunca poderá furtar-se duma inevitável prática, se quiser realmente permanecer em determinado plano. Essa prática, exprime-a uma palavra extremamente banalizada: "prece", cujo equivalente latino, *precarius*, significa igualmente "obter".

Ora, a prece, como o sentido do sagrado que ela exprime, é, por todas as evidências, um fenômeno espiritual. E, conforme observou judiciosamente o doutor Carrel, num pequeno opúsculo sobre o assunto, o mando espiritual encontra-se fora do alcance de nossas técnicas experimentais modernas. Como, pois, adquirir um conhecimento positivo da prece? O domínio científico compreende, felizmente, a totalidade do observável. E esse domínio pode, por intermédio da fisiologia, estender-se às manifestações do espiritual, pois, pela observação sistemática do *homo oratoris* que aprendemos em que consiste o fenômeno da prece, a técnica de sua produção e de seus efeitos.

A prece, em verdade, representa o esforço do homem para se comunicar com toda entidade incorpórea ou metafísica (Idéias Eternas de Platão), ancestrais, guias, santos, deuses, etc., e, principalmente, com a Causa Primeira, ponto culminante da pirâmide precedente. Longe de consistir numa monótona e vã recitação de fórmulas, a verdadeira prece representa um estado místico para o homem, um estado onde a consciência dele aborda o Absoluto. Bem por isso, esse estado permanece inacessível tanto quanto incompreensível ao filósofo racionalista e ao sábio comum. Para orar, é preciso fazer o esforço de se dirigir à Divindade. "Pensa em Deus com mais frequência do que respiras...", nos diz Epíteto. E brevíssimas, porém muito frequentes invocações mentais podem manter o homem na presença desse Absoluto.

Aliás, essa é outra das funções da prece, sua função construtiva, que atua em "regiões espirituais" que permanecem desconhecidas ou inexploradas. "*Ora et labora*", "Ora e trabalha", reza a antiga divisa hermética. Ao que anui o adágio popular: "Trabalhar é rezar. Vamos concluir que talvez, também na mesma ordem de idéias, orar equivalha a trabalhar, ou seja, obrar. Pois que nos diz São Paulo: "A fé é a substância das coisas esperadas..." (Epístola aos Hebreus, XI, I).

Tudo depende daquilo que se entende por essa palavra. Talvez o homem que reza, o orante, construa para si, num outro mundo, essa forma gloriosa, esse "corpo de luz" de que falam os maniqueus, e que é sua Jerusalém celestial, sua própria cidade celestial, nascida de seu templo interior que foi o berço, o protótipo inicial. Permutam-se influxos celestiais originais, por uma espécie de reversibilidade, de projeção da obra terrestre no plano celestial.

A partir daí, pode-se admitir que o homem que não ora, não teça sua própria imortalidade; ele se priva, assim, dum precioso tesouro. Nesse caso, cada um de nós encontrará, além da morte corporal, aquilo que ele tiver, em sua vida física, esperado encontrar lá. O ateu dirige-se para o nada que desejou, e o crente, para uma outra ida.

Psicologicamente, o sentido do divino parece ser um impulso proveniente do mais profundo da natureza humana, uma atividade fundamental, que se constata bem claramente entre os primitivos, muito mais que entre os civilizados. E suas variações estão ligadas a diversas outras atividades fundamentais: senso moral, senso estético, vontade pessoal, notadamente.

O inverso é igualmente verdadeiro. E, como observou o doutor Carrel, a história mostra que a perda do senso moral e do sagrado, na maioria dos elementos constitutivos duma nação, acarreta-lhe a desgraça e sua escravização rápida aos povos vizinhos que hajam conservado aquilo que a nação escravizada muitas vezes perdeu por culpa sua. Grécia e Roma são tristes exemplos. Os franceses do período que vai de 1924 a 1939 haviam sido literalmente "desvirilizados" (com exceção duma minoria que constitui a Resistência e a França livre), por uma propaganda incessante em prol da objeção de consciência, do desarmamento unilateral e do pacifismo a qualquer preço. Conhecemos o resultado: trinta e oito milhões de mortos.

Por outro lado, devemos ter igualmente presente que o sentido do divino, quando levado ao estágio da intolerância e do fanatismo, leva aos mesmos e tristes resultados, por caminhos simplesmente inversos.

Nossa existência própria está ligada a uma relação regular com o universo contingente. Seria desarrazoado supor-nos igualmente mergulhados num "universo espiritual", pelo próprio fato de nossa consciência - esta sim - ter acesso a dois diferentes universos esses entre os quais não nos podemos mover à vontade, assim como nosso corpo de carne não pode ausentar-se do universo material do qual retira os elementos necessários à sua conservação: oxigênio, azoto, hidrogênio, carbono, os quais ele aure através das funções nutritivas e respiratórias)? Esse universo espiritual, em que nossa consciência encontraria os mesmos princípios de sua conservação e de sua evolução post-mortem, seria lícito supô-lo o Ser Imanente, a Causa Primeira, que as religiões comuns denominam Deus? Em caso afirmativo, a prece poderia então ser considerada como o agente das relações naturais entre nossa consciência e seu meio próprio, tal como a respiração e a nutrição o são para o corpo físico. O grande psicanalista Jung afirmou: "Muitas neuroses decorrem do fato de muitas pessoas insistirem em permanecer cegas quanto a suas próprias aspirações religiosas. por uma paixão infantil pelas luzes da razão.

E que existe uma verdadeira alquimia espiritual.

O primeiro a abordá-la foi Thomas Weille, em 1688, ao traduzir um texto grego até então em mãos de Henri Kunrath, autor de *La Clé mystérieuse de La Sagesse éternelle chrétienne et abbalistique, divine et magique* (1609), do *Véritable traité de l'Athanor philosophique* (1783), antecidos ambos, em 1609, pelo famoso *Amphithéâtre christiano-kabbalisti que de L'Éternelle Sapience*. Esse texto grego, manuscrito, já era uma cópia de um tratado redigido por Raymond Lulle, parte integrante, em manuscrito, do célebre *Testamentum Raymundi Lulli, philosophi doctissimi*, tendo este sido, lembremo-nos, mártir e iluminado.

Louis-Claude de Saint-Martin, por outros caminhos, analisou em detalhes algumas dessas práticas, tendo-as transmitido àqueles que considerava seus Íntimos, um pequeno grupo de maçons de Estrasburgo, após abandonar a via operativa de seu primeiro mestre, Martinez de Pasqually, e a Maçonaria escocesa retificada de seu irmão Elu Cohen: Jean-Baptiste Willermoz, em Lyon.

Pois, tal como existe uma técnica da alquimia material, existe uma técnica da alquimia espiritual. Essa existência bastante real de um processo para se chegar à iluminação interior tradicional,

ensinavam-na todos os antigos mestres de outrora. E uma verdadeira técnica, não uma banal sensibilidade; é uma mística sábia, não uma mística estática. E nada tem a ver com as lucubrações das seitas atuais, fundadas por mitômanos, megalômanos, impostores conscientes ou inconscientes. E um caminho individual, solitário, sem filiação a qualquer grupo, o que seguramente é uma garantia. No mais, é acessível a qualquer um, seja qual for sua religião original.

Pode-se afirmar que se trata do verdadeiro martinismo de Saint-Martin", que o reservou a alguns discípulos seguros. Nada tem a ver com o martinezismo, nem com o martinismo de Papus, e muito menos com o filipismo que veio depois dele, em 1952! Nesse último aspecto, reside toda a diferença entre a teologia de um beneditino e a cadeira de aldeia.

Esse caminho nada mais é que o aspecto superior daquilo que apresentamos na *Scala philosophorum*, ou a simbologia maçônica das Ferramentas; obra adaptada à mentalidade racional dos maçons de nossa época.

FIM